



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARFOR  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LUCILENE CIPRIANO DA SILVA E SILVA**

**MEMORIAL:**

De alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá

ANAPU/PA  
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-PARFOR  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LUCILENE CIPRIANO DA SILVA E SILVA**

**MEMORIAL:**

De alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá

ANAPU/PA  
2022

**LUCILENE CIPRIANO DA SILVA E SILVA**

**MEMORIAL:**

De alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dienne Marly de Souza Pontes.

Anapu /PA  
2022

**LUCILENE CIPRIANO DA SILVA E SILVA**

**MEMORIAL:**

De alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores-PARFOR da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dienne Marly de Souza Pontes.

Avaliado em: / /

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dienne Marly de Souza Pontes

---

Examinador

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586a Silva E Silva, Lucilene Cipriano da.  
De alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá / Lucilene Cipriano da Silva E Silva. — 2022.  
32 f.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Dienne Marly de Souza Pontes  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2022.

1. Alfabetização. 2. Memórias. 3. Aprendizagem. I. Título.

CDD 158.1

---

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e amigos e aos professores, que muito me ajudaram na realização desta memória quando precisei de ajuda, em especial a meus filhos, esposo e aos meus pais por me proporcionar tantas alegrias.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me assegurado nesta árdua missão de finalizar este curso.

A toda minha família e amigos que estiveram direto ou indiretamente ajudando-me a ser persistente a lutar por esse objetivo.

Aos mestres que muito contribuíram na minha formação na conquista de novos conhecimentos.

Enfim à minha orientadora Diene Pontes que não mediu esforços para que este trabalho viesse a ser concretizado.

"Ler não é decifrar, escrever não é copiar".  
Emilia Ferreiro

## RESUMO

Este memorial acadêmico de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Pará/ PARFOR, abordara o tema: a importância da alfabetização dentro de uma perspectiva estimuladora e motivadora, que possibilite ao aluno o contato com os diversos gêneros textuais, permitindo a ele fazer uso social da leitura e da escrita. Para isso, estarei relatando fatos da minha infância e todas as dificuldades que enfrentei ainda bem pequena, para frequentar e me manter na escola em que fui alfabetizada através da memorização das famílias silábicas, com a utilização das antigas Cartilhas do A B C. Para desenvolver este trabalho utilizei uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica, com abordagem qualitativa. Para referendar teoricamente este trabalho, utilizou-se as abordagens de Freire (1996), que faz importantes reflexões sobre valorizar o conhecimento prévio do aluno. Ferreiro (1996), quando nos fala sobre as questões relacionadas as práticas utilizadas para alfabetizar. Soares (2003), que nos mostra a importância de alfabetizar letrando. Este trabalho está dividido em três capítulos, em que o primeiro estará trazendo os acontecimentos sobre minha história como estudante. No segundo relatarei os desafios do Ensino Médio. Já o terceiro mostrará minha vida profissional e o meu primeiro passo como docente. No terceiro capítulo relatarei minha entrada para o Ensino Superior através da seleção pelo PARFOR, (Plano Nacional de Formação de Professores). Por fim estarei tecendo considerações sobre os resultados obtidos com a elaboração e conclusão deste trabalho.

Palavras-chave: Alfabetização, Memórias e aprendizagem;

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>Capítulo 1</b> .....	10
1.1. Minha base é a minha família.....	10
1.2. Educação: um direito negado historicamente ao camponês.....	11
<b>Capítulo 2</b> .....	14
2.1. Trajetória escolar: as dificuldades que marcaram uma vida.....	14
<b>Capítulo 3</b> .....	18
3.1. trajetória profissional: entre a busca por melhores condições de vida e o desejo de adquirir formação adequada para atuar em sala de aula.....	18
3.2. Correndo atrás de um sonho: ser pedagoga.....	19
<b>Conclusão</b> .....	24
<b>Referências</b> .....	26

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará, abordará a importância da alfabetização para a vida escolar do aluno, a escolha do tema partiu do princípio de que é uma etapa em que estaremos formando a habilidade que permitirá ao educando fazer uso social da escrita e da leitura, que vem ganhando cada vez mais atenção de pesquisadores e profissionais da área da educação, por conta da crescente preocupação com as formas pelas quais as crianças vêm sendo alfabetizadas nas últimas décadas.

Hoje, as literaturas nos permitem compreender que alfabetizar é muito mais que ensinar a memorizar sons e letras do alfabeto, mostrando a importância de que sejam utilizados, pelo educador, meios pelos quais o aluno possa apropriar-se do sistema escrito, haja vista que a escrita o possibilitará fazer parte do mundo letrado. Lendo, escrevendo e compreendendo os diversos tipos de textos que lhes serão apresentados no dia a dia.

Diante a esta constatação passei a retomar as lembranças do meu processo de alfabetização, inquietando-me a seguinte questão: Qual a importância da alfabetização para o desempenho escolar do aluno no que concerne leitura e interpretação de textos?

Partindo da ideia de que esta etapa pode ser marcada por sentimentos de competência ou de fracasso, e que também pode estar relacionada com a forma como for conduzida, poderá prejudicar ainda mais tal processo, que segundo Soares (2010), não é fácil, nem tão pouco simples. Trata-se de uma aprendizagem complexa, individual e subjetiva, mas não é solitária, ou seja, exige, ao mesmo tempo, troca de informações, estímulos e motivação, haja vista que a criança não é a única responsável pela construção do seu conhecimento, precisando de estímulos e motivação para estabelece-los de forma significativa, ou seja, possibilitar ao aluno a união entre o conteúdo ministrado e seu conhecimento prévio.

Desta forma, estarei relatando minha trajetória de vida abordando como tema: de alfabetizada a alfabetizadora: memórias de uma educadora do município de Pacajá. Assim, tenho como objetivo propor reflexão sobre a forma como fui alfabetizada e a importância deste processo para os anos seguintes da minha vida escolar, refletindo sobre as dificuldades que encontrei ao longo da minha vida como estudante até me tornar alfabetizadora, bem como a importância da alfabetização dentro de uma perspectiva que possibilite o aluno fazer uso social da leitura e da escrita.

Estarei utilizando como metodologia para construção deste trabalho, uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica, que segundo Severino (2002), é um tipo de coleta realizada que utiliza informações da vida pessoal do pesquisador, em que pode expressar a trajetória pessoal

do sujeito. Gil (2002) colabora dizendo que esse tipo de pesquisa nos possibilita realizar análises reflexivas entre as abordagens teóricas e as experiências vividas. Utilizou-se ainda uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2002) deve ser empregada para identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente. o gênero escolhido foi o memorial acadêmico, que de acordo com Campos (2015), mostra que ele possibilita a inserção do sujeito não só no fazer do texto, mas em seu envolvimento com a temática abordada, refletindo sobre determinado tema, traçando paralelo entre teoria e práticas vivenciadas. Ainda segundo a autora, as lembranças do passado são retomadas com objetivo de refletir o presente. Esforço-me por recuperá-lo tal como realmente é objetivamente foi, mas não posso separar o passado do presente, e o que encontro é sempre o meu pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado (p.37-8)

Além disso, acredito que o memorial permite o diálogo do sujeito com a sua área de atuação, uma vez que ele possibilita ao educando a percepção de seu papel social para a construção de sua identidade histórico e cultural, sendo ele aluno ou não, pois representa um conjunto de experiências adquiridas no decorrer de sua trajetória.

Para referendar teoricamente este trabalho, estarei utilizando as abordagens de Freire (1996), que faz importantes reflexões sobre a prática do professor em sala de aula. Mostrando ainda a importância de que seja valorizado o conhecimento prévio do aluno, para que através dele sejam estabelecidos elementos a serem utilizados para sua alfabetização, que é necessária reflexão crítica da prática, bem como que precisamos estar em busca de novos conhecimentos, sejam eles técnicos, práticos ou através das pessoas que convivemos. Em Ferreiro (1996), (1999), (2000), (1985), quando nos fala sobre as questões relacionadas as práticas utilizadas para alfabetizar baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons decifração e cópia. Enfatizando que tais práticas fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento. Soares (1983.), (1986), (1991), (2003), (2010), que nos mostra a importância de alfabetizar letrando, pois de acordo com a autora apenas ensinar a ler e a escrever é insuficiente, alcançar níveis de alfabetização funcional onde as pessoas leem e escrevem e, no entanto, não são capazes de fazer uso desse conhecimento numa esfera social já deixou de ser processo de ensino aprendizagem.

Este trabalho está dividido em quatro seções. Onde a primeira seção estará trazendo os acontecimentos ocorridos no decorrer de minha história como estudante, desde a educação infantil até o Ensino Fundamental, os conhecimentos adquiridos e os fatos que marcaram minha vida. Na segunda sessão relatarei os desafios que vivenciei no decorrer do período que estava

cursando o Ensino Médio, neste período ocorreram fatos que me impulsionaram a alcançar meu objetivo.

Na segunda seção mostrarei minha vida profissional através do meu primeiro passo como docente, uma experiência tamanha que iniciou ao final da conclusão do Magistério. Na quarta sessão relatarei minha entrada para o Ensino Superior que se deu através da seleção pelo PARFOR, (Plano Nacional de Formação de Professores). Por fim abordarei os resultados obtidos após a conclusão deste trabalho.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 MINHA BASE É A MINHA FAMÍLIA**

Meu nome Lucilene Cipriano da Silva e Silva, nasci e me criei no município de Pacajá, estado do Pará, no ano de 1976. Sou filha de João Cipriano da Silva e Maria Diva, sou a terceira filha de uma prole de seis filhos, destes apenas quatro sobreviveram e eu sou a única mulher. Somos uma família de origem muito humilde, onde a precariedade sempre estive muito presente na nossa rotina. Nossas condições financeiras eram as mínimas possíveis, em que muitas vezes faltava dinheiro até para as necessidades básicas de saúde e alimentação.

Meus pais contribuíram para a construção da cidade de Pacajá, chegaram aqui por volta dos anos 70, não haviam casas, era mata fechada, instalaram-se em um lote de terra e ali construíram nossa primeira moradia, uma casa feita pau a pique.

Sobre a luta e a conquista da terra para sobrevivência, Fernandes (2008), afirma que o sujeito do campo compõe uma classe que vai além das relações sociais a qual fazem parte, eles conquistam suas terras com muita luta e trabalho, sendo que cada pedaço de chão conquistado significa a ampliação das possibilidades de luta contra as desigualdades sociais impostas pelo o modo capitalista de produção.

Concordo com o autor, pois realmente, a conquista da terra foi o início da mudança das nossas condições de vida, pois com o passar dos anos, conseguiram fazer uma troca do lote por uma humilde casinha feita de madeira na zona urbana. Mas passávamos pouco tempo em nossa casa na cidade, pois meus pais continuaram trabalhando com roça, porém alugavam parte das terras de outras pessoas e lá eles

Derrubavam árvores, queimavam e plantavam, assim garantiam o nosso sustento.

Desde muito cedo ajudava em casa com os afazeres domésticos, cuidava dos meus irmãos menores, com sete anos de idade já cozinhava e cuidava da casa enquanto meus pais cuidavam das plantações e das colheitas.

No interior seguimos na íntegra, a ideia de que o trabalho dignifica o homem, por isso somos instruídos a sobreviver do suor do nosso corpo, de maneira honesta. E também porque as famílias camponesas também sobrevivem de pequenos ganhos como a pesca, extração de madeira e criação de animais, são produções em pequena escala e quanto mais pessoas da família estiverem envolvidas na produção, melhores são os ganhos, porém mesmo com muito esforço esses ganhos mal garantem o sustento da casa.

Minha infância foi marcada por muitas dificuldades, nunca tive boneca comprada em loja, até porque não tinha tempo para brincar. Nos poucos momentos que isso era possível, meus irmãos e eu construíamos nossos brinquedos, minhas bonecas eram feitas por espigas de milho e meus irmãos pegavam limões para fazer cavalos, bois e assim imaginavam uma fazenda.

## **1.2 EDUCAÇÃO: UM DIREITO NEGADO HISTORICAMENTE AO CAMPESINO**

A construção do tópico anterior me trouxe algumas indagações que considerei importantes para a construção deste trabalho, bem como para o meu próprio entendimento sobre a importância da educação para a vida das pessoas.

Relatando sobre minha família, me dei conta de que meus pais não tiveram oportunidade de estudar, isso aguçou minha curiosidade em compreender como foi estabelecida historicamente a concepção de educação das gerações anteriores a minha, que os levou acreditar que estudar não era importante.

Meu pai é natural do interior do Ceará, sempre trabalhou em lavoura e desde muito pequeno, ele e meu avô derrubavam roça inteira apenas com machado, saiam ainda na madrugada para trabalhar e só retornavam no final da tarde, almoçavam o que levavam na marmita e tomavam água que armazenavam numa cabaça<sup>1</sup>. Assim ele viveu até a vida adulta e nunca foi levado a escola e também não se interessou, pois segundo ele, não tinha tempo para isso.

A minha mãe também não teve essa oportunidade na vida pois seus pais só visavam a questão do trabalho, além de ajudar nos afazeres da roça, em capinar mato, colher frutos, ainda tinha por obrigação, pilar arroz no pilão todos os dias. Porém depois de adulta minha mãe aprendeu a escrever seu primeiro nome e quem a ensinou fui eu na época que comecei a estudar eu queria que ela também aprendesse, assim eu escrevia o nome dela pra ela tentar copiar, e com muita luta ela conseguiu escrever seu nome. Hoje ela não sabe mais, mas tem uma leitura diferenciada e até curiosa, como por exemplo: ela vende carvão e toda semana ela pega do carvoeiro que vende a mercadoria para ela, uma média de 10 a 15 sacos de carvão e ela anota tudo da maneira dela, como um "risquinho" para cada saco, feito num cantinho papel, ao final de cada mês ela sabe exatamente quantos sacos de carvão pegou e quantos reais ela tem que pagar.

---

<sup>1</sup> Vasilha ou vaso feito da casca da abóbora, depois de seco; disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/caba%C3%A7a/>

Como é possível perceber, a infância dos meus pais foi bem triste, na verdade não tiveram o direito de ser criança, pois tinham responsabilidades de adultos, sem nunca ter tido o privilégio de ser matriculados em uma escola para aprender a ler e escrever, um direito que lhes foi negado.

Curiosamente tanto meus avós paternos, quanto maternos não frequentaram a escola e viveram uma vida inteira com a triste realidade do analfabetismo e o que causa mais espanto hoje é a forma natural com que estas questões são tratadas pela minha família, que claro, não podem ser culpados por tais conceitos, haja vista que esta foi à forma que aprenderam a lidar com o assunto. De acordo Freire (1987):

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade” (...) Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens. (FREIRE. pág. 28).

Corroborando com o autor supra citado, acredito ser relevante sobre o que as literaturas abordam sobre o modelo de educação historicamente praticado no Brasil pelos diferentes governos entre o início do Império (1822), até meados do século XX, que designavam a educação para atender apenas a elite econômica e intelectual, em prejuízo direto e indiscriminado dos pobres, negros e índios. De acordo Ferreira e Brandão (2011) As reformas educacionais no início do século XX e inclusive a Constituição de 1934, manteve a educação dentro de uma perspectiva que visava atender as elites das cidades urbanas, não traziam benefícios aos que residiam e trabalhavam nas áreas rurais, com exceção dos herdeiros das grandes fazendas.

Contudo, com a modernização das máquinas, a necessidade de mão de obra e a pobreza extrema nas áreas rurais, fez com que muitas pessoas do campo migrassem para as cidades, aumentando assim as dificuldades do governo para atender esta demanda. Assim, passaram a pensar que a solução seria manter o povo do campo no campo.

Segundo Ferreira e Brandão (2011) foram criados colégios, que eram instituições formadas dentro das grandes propriedades rurais. Elas tinham como objetivo produzir mão-de-obra técnica e especializada de atendimento aos produtores rurais que em contra partida teriam a seu dispor trabalho barato e gratuito dos estudantes, tornando-os ainda mais ricos. O que se observa é que não se buscava soluções para o homem do campo mudar sua condição de explorado e sim criar maneira de expor mão-de-obra na produção agrícola, “acobertados” pela Constituição, pelo Estado e por outras formas legais.

Ainda de acordo com Ferreira e Brandão (2011), foi somente após o fim de o governo militar e início da nova República (1985). Com promulgação da Constituição Federal de 1988, que o povo do campo passou a ter sinais de que algo poderia mudar para nós referentes à Educação, mesmo ela não abordando diretamente a educação do/no campo. Em seu art. 206, diz que deve haver: “(...) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e que a “educação, é direito de todos e dever do Estado e da família” (art. 205). Apesar de estar disposto na Lei, entendo que não houve uma igualdade de acesso a escola, pois para nós camponeses sempre enfrentamos dificuldades para ter esse acesso, sem esquecer a carência de escolas e a precariedade delas. Porém, foi somente após a promulgação da Constituição Federal de 1988 que se pode observar avanços para a educação do povo camponês.

É possível perceber que os avanços mais significativos foram e continuam sendo conquistados após a promulgação da Constituição Federal de 1988, pois ela abriu caminhos a leis posteriores, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, que em seu artigo 28 aponta:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (LDB, 1996).

É importante ressaltar ainda, que a população rural a qual se refere à Lei, de acordo com Hage e Barros (2010) é representada pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras. Esses povos obtiveram ganhos com a LDB, pois foram abertos precedentes legais e jurídicos para a possibilidade da implantação de uma educação que respeitasse a identidade do homem e da mulher do campo.

Reconstruindo de forma resumida, o contexto histórico em que meus avós e meus pais, posso compreender que as concepções que eles formaram sobre a importância da educação, foram impostas a eles como algo natural ao meio em que viviam, porém aconteceram várias mudanças aconteceram e fomos ganhando espaço diante as políticas públicas, conscientes de que ainda há muito a ser feito e nosso povo hoje é consciente disso.

## **CAPITULO 2**

### **2.1 TRAJETÓRIA ESCOLAR: AS DIFICULDADES QUE MARCARAM UMA VIDA**

Minha família não tinha lugar fixo para ficar e com isso não conseguiam conciliar o trabalho deles com uma escola para nos matricular. Por conta disso meu primeiro contato com a escola aconteceu quando eu já estava com 11 anos de idade, no ano de 1987, iniciando diretamente na primeira série.

Meu processo de alfabetização foi bem difícil e para agravar ainda mais a situação eu não tinha o suporte da minha família, pois meus pais eram analfabetos. Lembro-me de chorar muito na hora de aprender a escrever meu nome, pois a professora o escrevia na primeira linha do caderno e eu tinha que copiar em todas as outras até o final da página.

Entretanto minha mãe mesmo sem saber ler e escrever entendia que eu precisava de ajuda e pedia para os vizinhos me ajudarem com as atividades, tudo isso ainda na primeira série, naquela época a metodologia usada pela minha professora era uma forma de “decoreba” onde ela falava e os alunos repetiam e quando não conseguíamos decorar ela usava uma palmatória ou uma régua para nos disciplinar, na verdade nos bater nas mãos.

Sobre essa forma de alfabetizar, Ferreiro (1999) destaca que a construção do código linguístico não se dá pela execução de uma série de atividades de repetição, ou pelo reconhecimento das letras e das sílabas, e sim pela compreensão do funcionamento desse código. Para tanto, o professor deve estimular as crianças a levantar hipóteses e, as confrontar com sua realidade e com as ideias de outras pessoas.

Hoje entendo que esse método não facilitava meu aprendizado, pois mesmo que eu conseguisse decodificar as palavras, não saberia interpretar os textos lidos. De acordo com Soares (2010) cabe ao professor alfabetizador o papel de proporcionar à criança, tanto a apropriação do sistema de escrita, quanto prepará-la para que saiba fazer uso dela como objeto sociocultural com diferentes funções, enfatizando que esse aprendizado perdura no decorrer de toda a vida.

A autora deixa que o uso da leitura e da escrita como função social, deve necessariamente perpassar a construção, a leitura a compressão e ainda a autonomia para inferir sobre os assuntos abordados. Acredito que estas ações ainda estavam bem distantes da minha realidade, naquele momento, ou seja, minha turma e eu estávamos apenas aprendendo o alfabeto e decorando as palavras.

Hoje entendo que ensinar o código é necessário, porém é de suma importância que esteja dentro de um contexto mais amplo, para que assim as palavras possam fazer sentido para as crianças. Para Freire (1996) a palavra aplicada de forma descontextualizada, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, sendo mais som que significação, e assim ele coloca que melhor seria não a dizer.

De acordo com o autor, se na alfabetização os alunos, forem ensinados apenas o reconhecimento de letras, sílabas e palavras, e não as ideias do texto, se apropriarão da leitura e da escrita apenas pelo seu aspecto técnico e provavelmente não serão de leitores potenciais. Assim, para ele, a apropriação da leitura e da escrita sem significado será inevitável.

As atividades que eram propostas não tinham objetivo claro e muito menos se pensava em adaptá-las a nossa realidade. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985) para inserir as crianças no mundo da escrita, é importante que elas entrem em contato com uma grande diversidade de textos, pois são perfeitamente capazes de produzir e reproduzir textos narrativos, descritivos, de fixação, cartazes, textos em jornais, etc. Nesse sentido, durante o processo de construção de conhecimento, o professor desempenha um papel muito importante, por ser mediador entre a criança e o objeto de conhecimento, segundo Soares (2010):

Esse exercício de mediação exige dele um conhecimento claro do processo de construção do conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve, o que significam seus diferentes desempenhos. (SOARES, p. 43).

Esse conhecimento fornece ao professor a compreensão do modo pelo qual ocorre o processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança, assim poderá estabelecer estratégias para mediar as dificuldades e os avanços vivenciados pelas crianças, ou seja, uma prática alfabetizadora orientada a partir das necessidades apresentadas pelo aluno. Segundo a Base Nacional Curricular Comum para Educação Infantil (2016, p. 151):

Diz-se que um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças tem a oportunidade de participar. Se os adultos com quem as crianças convivem utilizam a escrita no seu cotidiano e oferecem a elas a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita, elas podem, desde cedo, pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.

Naquela época meu processo de alfabetização, seguia na contramão ao que estabelece o documento oficial. Lembro que as aulas eram sempre as mesmas, seguiam o mesmo roteiro, mas me esforçava da forma que podia, e comecei a aprender as letras e algumas famílias silábicas, quando conseguia “decifrar” pequenas palavras, ficava muito feliz, foi uma

descoberta única. Lembro que toda a palavra que via nos calendários queria ler. Para mim, naquele momento, juntar as sílabas e formar as palavras era algo essencial, mesmo não sabendo naquele momento o real significado do que lia e para que lia. Mas dizia as palavras com muita alegria e prazer.

Sempre fui muito esforçada e dedicada nos estudos, porém todo ano na época de derrubada e da colheita eu era afastada da escola por uns 30 a 60 dias. Essa saída, era combinada com a diretora e com os professores. Quando voltávamos tínhamos que recuperar o que havia perdido e por várias vezes eu tinha que ir para a casa da professora fazer as provas ou outras atividades que precisasse. Quando tinha provas, a professora passava um questionário enorme e a minha obrigação era apenas decorar tudo, minha mãe nos acordava cinco horas da manhã pra estudarmos, pois ela falava que seria o melhor horário para se aprender.

Minha professora não tinha formação adequada, acredito que não tinha concluído nem o primeiro grau da época e isso era ainda mais complicado para nós, pois não tinha uma metodologia adequada que pudesse atender as nossas necessidades e dificuldades. Arroyo et al., (2009) falam sobre essa problemática que infelizmente ainda é realidade em muitas localidades:

[...] é ali que se concentra o maior número de professores leigos, que são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural, e que de modo geral os programas de formação de professores, incluindo os cursos de Magistério e os cursos superiores, não tratam das questões do campo, nem mesmo nas regiões em que grande parte dos futuros professores seguramente irá trabalhar neste contexto, ou se o fazem, é no sentido de reproduzir preconceitos e abordagens pejorativas; e que, por extensão, praticamente inexistem materiais didáticos e pedagógicos que subsidiem práticas educativas vinculadas às questões específicas da realidade do campo.

No entanto, para nós o fato de estarmos na escola já era suficiente e mesmo com todos os problemas e empecilhos para conseguir estudar, naquele ano eu passei direto, ou seja, fiquei de férias bem antes que os outros alunos e fui contemplada com um brinquedo, uma premiação de ter me esforçado, era um joguinho de panelinha, Nossa! Fiquei muito feliz, pois era o primeiro brinquedo que eu ganhava na minha vida e os guardei por muitos anos no meu quarto em cima de uma mesinha.

No ano seguinte, de 1988, lá estava eu na série seguinte, na segunda série e as dificuldades permaneciam, ou seja, até aumentaram por eu estar em uma série mais avançada. A escola ficava há dois quilômetros da nossa casa e fazíamos esse trajeto a pé todos os dias, era tanta poeira que quando passava um carro por nós cobria-nos com a poeira.

Sobre essas problemáticas Hage (2005), esses fatores acabam prejudicando em muitos casos, a frequência e a aprendizagem e provocam o fracasso dos sujeitos nas escolas do campo.

Aliados a todos estes fatores ainda existem a questão da participação dos pais na escolas sendo que muitas vezes estes se sentem incapazes de ajudar seus filhos tarefas escolares, deixando muitas vezes as crianças por conta própria, se tornando mais difícil ainda se manterem na escola.

Na segunda série, tive uma professora muito boa, ela era uma pessoa muito amável, cuidadora e atenciosa, tinha uma voz macia e delicada, a quem eu lembro até hoje, chamava-se Maria da Paixão ela tinha uma prática e uma forma de ensinar muito boa, não lembro qual era sua formação, mas que apesar ela sabia lidar com a necessidade de cada aluno e que deixou marcas em mim, daquela linda professora.

Neste mesmo ano mudamos para uma terra na Vicinal Portel que ficava situada em frente ao matadouro Municipal, com uma distância mais ou menos de 3 Km da escola onde eu estudava no período vespertino. Saia de casa por volta de meio-dia, colocava meu caderninho e o meu lápis numa sacola e saia a pé, sozinha, às vezes correndo perigo enfrentava o medo para poder chegar na hora certa para estudar.

Na terceira serie eu já sabia ler, mas uma leitura fragmentada, não conseguia ler e interpretar um texto, de certa forma essa leitura já era o bastante para eu ajudar os meus irmãos nas atividades para casa

Na quarta série tive uma professora rígida, ela passava atividade para casa e no outro dia chamava no quadro pra resolver. As contas de matemática era um terror para mim, apanhei muito da professora pra aprender a divisão. Quando lembro da forma que ela ensinava percebo a falta uma didática para abordar os conteúdos e por conta dessa metodologia em que predominava o medo e a ameaça, tenho dificuldades até o dia de hoje, pois para eu compreender uma leitura, é preciso ler por duas ou três vezes.

## **CAPÍTULO 3**

### **3.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: ENTRE A BUSCA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E O DESEJO DE ADQUIRIR FORMAÇÃO ADEQUADA PARA ATUAR EM SALA DE AULA**

No dia 8 de setembro de 1993, foi onde tudo começou foram anos muito difíceis para mim, pois a escola ficava 5km distante da minha casa e o transporte utilizado por mim era um jêgo, lá eu exercia a função de professora, merendeira, servente, diretora e todos os outros cargos que uma escola precisa ter, os alunos também ajudavam juntamente com a comunidade que era ativa e participativa. Nesse mesmo ano conheci meu esposo, em junho 1994 nos casamos e em 1995 nascia o nosso primeiro filho

A escola era uma sala que também funcionava uma igreja, não tinha portas, era tudo aberto, e ficava situada na terra do pai de um dos alunos, na vicinal Tozetti. A noite os animais entravam, defecavam e urinavam no local, quando chegávamos no outro dia precisávamos limpar tudo para poder iniciar a aula.

O mobiliário da escola não atendia a clientela e para que todos os alunos pudessem ficar sentados, eu pedia cadeiras emprestadas dos vizinhos. A turma era composta por 18 alunos, eu me esforçava para ensinar meus alunos, usava algumas metodologias que observei dos professores que tive, mas tentava fazer diferente com as crianças que eu percebia que tinham dificuldades. Nessa época fui professora dos meus irmãos e era muito engraçado chegar em casa, pois minha mãe sempre queria saber como eles haviam se comportado, caso não se comportassem, ela fazia com que estudassem tudo outra vez.

A Lei de Diretrizes e Bases curriculares 9394/96 trouxe em seu texto a obrigatoriedade de formação específica em nível superior para que o professor regente de sala de aula, com isso seria necessário a elaboração de projetos que ofertasse cursos para os educadores que já estavam em sala de aula e, sendo que no interior do Pará muitos estavam dentro do que a Lei denominou como professores “Leigos”, ou seja, que não haviam concluído o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio.

De acordo com Martins (2003, p.12) O Projeto Gavião foi desenvolvido na década de 90 no estado do Pará, iniciou através da união entre a Universidade Federal do Pará, Secretaria Estadual de Educação, o MEC e Secretarias de Educação de diversos Municípios, tendo o apoio da UNDIME. Esse projeto tinha como objetivo profissionalizar os professores leigos. Em 1997, atingiu 107 Municípios, beneficiando 9.877 professores. Sendo implantado em duas etapas: Gavião I, caracterizado como ensino supletivo de nível fundamental, com cinco etapas e

duração de dois anos e meio; Gavião II, organizado como habilitação para o magistério em nível médio, com oito etapas e duração de quatro anos.

Nessa época me encaixava nesse perfil de professor leigo, pois estava trabalhando como professora regente sem ter concluído nem o ensino fundamental, tinha consciência que precisava estudar mais, esse era um desejo meu, mas não tinha como fazer isso, pois precisava trabalhar, foi então que chegou na região o Projeto Gavião, e logo agarrei a oportunidade para poder concluir o Ensino Fundamental, mas não foi nada fácil, pois as aulas aconteciam na igreja, assim eu precisava ficar na casa de um primo que morava lá e para economizar, almoçava na escola, porém a janta era na casa dele, quando chegava fim de semana eu ia para casa ou, quando não era possível ir, meu esposo levava meu filho para eu matar a saudade e na segunda-feira eles retornavam para casa.

Através do Projeto Gavião, pude perceber que o ensinar não se resumia em caderno, lápis e quadro, mas que havia toda uma técnica e uma metodologia para ensinar, para que realmente a aprendizagem pudesse acontecer tinha que ser estimulada de forma prazerosa.

Os professores do projeto traziam consigo técnicas que me deixavam encantada com o desenrolar de cada disciplina, eram músicas, historinhas, poemas, pinturas, dramatizações, oficinas e pesquisas. Além das disciplinas aplicadas, o projeto também ofertava as FTMs (Fundamentos Teóricos Metodológicos), lembro-me de um professor de Literatura chamado Pompeu, que muito me marcou, ele e sua mãe eram professores do Projeto Gavião na época, ele era bem jovem, muito simpático e com uma experiência enorme, usava de uma metodologia riquíssima para que pudéssemos aprender através da produção de contos e músicas. Foi um período difícil, mas muito gratificante, principalmente porque aprendi muitas técnicas e ainda consegui concluir o Ensino Fundamental, dando início ao sonho de concluir meus estudos.

Quando chegou o Projeto Gavião II, logo fiz minha matrícula e dei início aos estudos visando a conclusão do Ensino Médio, também modalidade intervalar com duração de quatro anos. Foi mais uma oportunidade em que pude aprimorar os conhecimentos adquiridos na primeira etapa do projeto, abriu-se um leque de aprendizados que conseqüentemente refletiu no meu trabalho em sala de aula, elevando o índice de aprendizado índice de aprendizado da turma.

### **3.2 CORRENDO ATRAS DE UM SONHO: SER PEDAGOGA**

O PARFOR é o Plano Nacional de Formação que foi criado para contribuir com a formação de professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais que não

tinham graduação superior adequada à LDB (Lei de Diretrizes e bases da Educação), ofertado pela Universidade Federal do Pará

Em 2018 surgiu o PARFOR e a oportunidade de entrar na Universidade, fiz minha inscrição. Neste mesmo ano, 2019 deram início as aulas no município de Anapu Pará, vi no PARFOR a grande oportunidade de ser pedagoga. Meu nome saiu pra UNIFESSPA no município de Breu Branco, organizei tudo e fui levar toda a documentação, quando de repente houve uma repescagem na turma de Anapu, e não perdi tempo, fui até lá apostando na sorte me inscrevi e quando saiu a listagem meu nome estava na turma de Anapu, logo cancelei a matrícula da UNIFESSPA, pois era muito distante da minha cidade e mesmo que Anapu não seja tão perto, eu teria onde ficar sem precisar pagar aluguel, alimentação e transporte, pois a prefeitura de Anapu juntamente com a secretaria de educação tinha uma contrapartida nos cedendo o almoço em algumas etapas.

Outro ponto marcante até hoje é que todos finais de semanas íamos para Pacajá em uma moto pop 100, eu juntamente com outra colega de sala e parceira de tudo durante todo o curso.

Como já falei anteriormente o PARFOR, tem me proporcionado um leque de conhecimentos, me deu a oportunidade de conhecer novas pessoas e pessoas incríveis, tanto de experiências quanto de relatos de vida.

O PARFOR, quanto ao curso de pedagogia, tem um Marco histórico muito importante na minha vida, desde o primeiro dia de aula em janeiro de 2019, eu de outro município, chegando das estradas da Rodovia Transamazônica, BR 230, fazendo esse percurso de moto, enfrentando todos os perigos, mas cheguei, estava muito nervosa, era como se fosse o primeiro dia de aula de uma criança. Na verdade, eu estava iniciando uma jornada que seria um “divisor de águas” em minha vida, pois a partir daquele momento eu era acadêmica do curso de Pedagogia, mas consciente que teria pela frente, muito que aprender e conhecer, como: pessoas diferentes, novas metodologias, pesquisas, enfim... Tudo era novo, mas eu sabia que por mais difícil que fosse eu deveria enfrentar e vencer todos os obstáculos. De acordo com Tardif (2002):

Tudo leva a crer que os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional, isto é, quando da socialização primária e, sobretudo quando da socialização escolar, tem um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber fazer e do saber ser, que serão mobilizados e utilizados na socialização profissional e no próprio exercício do magistério. (TARDIF,2002, p. 69).

Foi através das leituras e debates que fui me encantando pela alfabetização. Sempre fiz relação entre as teorias e a forma como aprendi a ler. Passei então a utilizar esses estudos na minha prática de sala de aula. Dali para frente busquei conhecer mais sobre as teorias de Emília

Fevereiro, Paulo Freire e Magda Soares passei a me interessar pelo assunto que os mesmos abordam e seria uma missão fazer as leituras, compreender para, colocar em prática. Quando nos foi apresentado O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) que apresenta a leitura como atividade permanente, pois responde às necessidades básicas de aprendizagem e de prazer para as crianças e esses conteúdos necessitam de uma constância.

O documento oficial enfatiza que a leitura precisa ser uma pratica constante em sala de aula, as leituras e os debates me faziam refletir sobre as situações de sala de aula. Principalmente quando em um dos primeiros módulos nos foi apresentado o livro “Pedagogia da Autonomia”, dentre os escritos alguns me chamam atenção e posso dizer que movem minha prática. Quando Freire (1996), diz que, “Ensinar não é transferir conhecimentos” (1996, p. 52), pois segundo o autor, o conhecimento deve ser construído numa troca mutua, onde todos aprendem. Afirma ainda que “Ensinar exige consciência do inacabamento” (1996, p. 55), como isso mostra ao educador a importância de buscar informações para assim refletir sobre sua pratica. O autor enfatiza que devemos respeitar o conhecimento prévio do aluno, pois assim o conhecimento se tornara mais acessível a ele, pois poderá sentir-se parte importante do seu processo de aprendizado.

Assim, mais consciente, pude rever minha pratica docente, e o mais importante percebi o quanto perdi em minha vida escolar, com meu processo de alfabetização. Na disciplina de FTM de Matemática percebi que ensinar as crianças os números e as operações é tão simples através de jogos, cartazes entre outras coisas e os mesmos iam se divertir e aprender ao mesmo tempo. Na Corporeidade e Educação, quão maravilhoso é ensinar através de músicas e brincadeiras, aprender com o corpo a identificar as partes e as funções do mesmo a higiene enfim vários outros assuntos relacionados ao mesmo.

O estágio supervisionado I, foi desafiador pois já tínhamos a experiência de sala de aula, mas a professora nos fez ver coisas que por olhar “vicioso” não conseguíamos vê, e claro que por ser uma educadora perfeccionista nos explicou dando exemplos os mais claros possíveis. Enfim, todos os estágios supervisionados foram de extrema importância para minha formação pude vivenciar dentro do âmbito educacional todas as áreas que um pedagogo pode atuar, quais suas contribuições para um bom aprendizado e cheguei à conclusão que o mesmo é de suma importância para a educação de todos. Um dos textos lidos antes de irmos a campo, falava sobre o que deveríamos observar, fazia colocações sobre o fazer pedagógico que me chamou bastante atenção.

Freire (1996) faz colocações sobre esses momentos de estudo, de reflexão, enfatizando que os conceitos que vão somando-se ao logo da formação, irão constituir-se em dados que

certamente possibilitarão a construção de aprendizagens, objetivando a humanização dos sujeitos. Essas concepções se transformam em atitudes, escolhas e relações, refletindo-se na melhoria da prática educativa. O autor mostra ainda que, quando os alunos são respeitados em suas especificidades, bem como compreendidos como seres sociais e históricos, sendo instigados, a pesquisa e ao debate, irão desenvolver a percepção crítica sobre a realidade, vão se tornando capazes de produzir seus próprios saberes e de criar condições para uma atuação mais efetiva na sociedade.

A oportunidade de estar vivenciando esta formação acadêmica com profissionais excelentes que contribuíram com minha formação docente quando me recordo do Prof.º Luís Lopes de História Geral da Educação, a primeira impressão não foi boa por ser um senhor bem vivido, mas trazia consigo uma bagagem de vida e de conhecimento que com toda certeza fez muita diferença suas dicas foram valiosas e as carrego comigo por toda minha vida e os fleches que tenho de suas aulas são valiosos para esta educanda. A simplicidade do Prof.º Marcos de Libras um profissional criativo e atencioso com todos, me ensinou com seu jeito de ser que todos somos capazes quando queremos muito algo de coração que o Senhor realizara. A disciplina de FTM de Educação Infantil contribuiu muito para meu aprendizado a mesma dúvida que tinha e apartir dos teóricos que a professora trouxe para analisar sua ideia e a pratica da mesma seus relatos foi de grande valia. Foram muitos educadores que é difícil até descrever, mas tenho certeza que cada um trouxe contribuições que marcará a profissional que pretendo ser.

Sobre isso Freire (1996, p. 43) que é fundamental, na prática da formação docente o aprendiz de educador assume que o indispensável pensar certo não é presente de deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o processo formador.

A universidade me proporcionou uma profunda mudança na forma de pensar e agir não somente no que diz respeito a minha prática docente, mas, sobretudo nas atitudes enquanto pessoa humana, me levando a adotar uma postura mais crítica na relação com o mundo ao meu redor.

Por fim gostaria de agradecer todos os mestres que fizeram parte dessa trajetória, cada uma teve sua parcela de importância em nossa vida, e quero agradecer a todos de coração o Professor Luiz Carlos Bezerra, pois ele chegou e marcou, com sua história de vida, como professor, como amigo, eu diria até que, como um psicólogo, uma pessoa amável que entendia

até a forma como sorriamos. Gratidão eterna à Universidade Federal do Pará e a todos os envolvidos nesse programa que mudou e ainda mudará a educação e a vida de muitas pessoas.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa me possibilitou entrar no universo das minhas lembranças da infância. Estas recordações permitiram vislumbrar um panorama do que foi o período em que me alfabetizei, ou seja, o espaço escolar, os materiais, a lembrança da primeira professora, o método usado, o contexto social e político da época.

Hoje compreendo que o método em que fui alfabetizada não contribuiu para que naquele momento eu pudesse fazer o uso social da leitura e da escrita. Entendo ainda, que o fato de morar no interior, onde os recursos são mais escassos, onde muitos professores não possuem formação adequada, muito menos dispõem de capacitação para desenvolver suas aulas, são fatores que também dificultaram meu processo de alfabetização.

Após a elaboração deste memorial, passei a entender melhor a importância da alfabetização dentro de uma perspectiva estimuladora e motivadora, que possibilite ao aluno o contato com os diversos gêneros textuais. Relacionar esta constatação com meu processo de alfabetização possibilitou com que eu compreendesse as dificuldades que enfrentei ao longo da minha vida escolar, pois meu contato inicial com os textos se dava de forma descontextualizada, uso da memorização, sem a compreensão do significado das palavras lidas. Desse modo, a interpretação foi deixada de lado. Ficando comigo as consequências dessa forma de alfabetizar, sem que eu enquanto sujeito, pudesse participar da construção e dos significados dos textos. Fazendo de mim, mera reprodutora de palavras, que precisou lidar com as dificuldades de interpretação que duram até os dias atuais, em que preciso ler mais de uma vez um texto para conseguir debater sobre seu conteúdo. Assim, posso dizer, este estudo contribuiu para que pudesse perceber minhas dificuldades e mais do que nunca buscar estratégias para superá-las.

Acredito que para estimular a capacidade leitora dos alunos, devemos criar estratégias que estimule a leitura e escrita de maneira que o aluno as utilize tanto para se comunicar, como uma forma de estabelecer comunicação com o meio em que vive. Para isso, torna-se necessário, que os educadores tenham mais atenção durante ao período de educação inicial escolar, onde o indivíduo consegue adquirir a habilidade de leitura, de compreensão de textos e da linguagem de maneira geral, incluindo a operação de números, que são competências necessárias para avançar aos níveis escolares seguintes.

Sendo assim, torna-se necessário o fortalecimento das práticas alfabetizadoras no espaço escolar, colaborando para que os professores tenham um olhar mais sensível ao processo de alfabetização, e que tal processo possa se estruturar, dinamizando suas metodologias, para que

os alfabetizando possam de forma ativa construir aprendizado, além disso, a prática docente deve contemplar a alfabetização e letramento dos educandos, como processo indissociável que deve acontecer de forma contextualizada visando respeitar os conhecimentos prévios que a criança traz.

Deixo aqui minha sugestão de que todo aquele que desejar como eu, ser professor, não desista de seus sonhos, pois só assim seus objetivos serão alcançados e que estejam abertos ao aprendizado para que os reflexos deixados em seu processo de alfabetização possam dá lugar a um processo alfabetizador humanizado, onde a decodificação esteja ao lado da compreensão e interpretação do que foi lido, com base em umas práxis educativas crítica e reflexiva.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação Lúdica - técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

ARROYO, MIGUEL G. **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À PROCURA DE NOVOS SIGNIFICADOS**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31. 2010.

ARROYO. Miguel Gozalvez. **A educação básica e o movimento social do campo**. In.: ARROYO. M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C(Org.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n. 20, de 15-12-1998. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília.

BRASIL. RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.1.1998.

BRASIL. RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.2.1998.

CAMPOS, Magda, Letramento e alfabetização: as muitas facetas\*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

CAMPOS, Magda. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília: INEP/Santiago: REDUC, 1991.

CAMPOS, Magda. Alfabetização: **Dilemas da Prática**. RJ: Dois Pontos, Ed Ltda., 1986.

CAMPOS, Magda. In. CASTANHEIRA, Maria Lucia, MACIEL, Francisca Izabel Pereira & MARTINS, Raquel Marcia Fontes. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

CAMPOS, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 1999.

CAMPOS, Magda. **Manual de gêneros acadêmicos**: Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto De Pesquisa, Artigo Científico/Pape, Normas Da Abnt. Mariana- MG, 2015.

CAMPOS, Magna **Manual de gêneros acadêmicos**. 2015.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do Alfabetizador**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

COMILO, M. E. S. **A construção coletiva da escola: a Escola Chico Mendes e sua História.** In: ANGHINONI, C.; MARTINS, F. J. (Org.). Educação do campo e formação continuada de professores. Porto Alegre; Campo Mourão: EST. Edições; FECILCAM, 2008. Cortez, 2001, p. 175. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FERNANDES, B. M. Educação do campo e Território Camponês do Brasil. In. SANTOS, C. A. dos. (org.) **Por uma Educação do campo:** campo- políticas públicas- Educação. Brasília: INCRA; MDA, 2008. p. 39-66.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. De (Orgs.) **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo.** Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, n. 5, Brasília, 2004.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P.R; CALDART, R.S. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação do Campo”: texto preparatório. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2004. p. 21-63.

FERREIRO, Emília. *Alfabetização em Processo.* São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília. *Com Todas as Letras.* São Paulo: Cortez, 1999. v.2

FERREIRO, Emília. *Reflexões Sobre Alfabetização.* São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emília; Teberosky, Ana. *A Psicogênese da Língua Escrita.* Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL. Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002

GIL. Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002.

HAGE E BARROS, Salomão Mufarrej (orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; v. 2).

HAGE E BARROS, Salomão Mufarrej. **Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi) seriado de ensino.** Em Aberto, Brasília.

HAGE E BARROS. Salomão Antônio Mufarrej e Oscar Ferreira. **CURRÍCULO E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: REFERÊNCIAS PARA O DEBATE SOBRE A MULTISSERIAÇÃO NA ESCOLA DO CAMPO CONSTITUIÇÃO DE 1946.** Autêntica, 2010.

HAGE. **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará / Salomão Mufarrej Hage (Org.).** - Belém: Grafica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

Jr. PRADO Caio e FERNANDES, Florestan. **Clássicos Sobre a Revolução Brasileira.** 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

MARTINS, Ricardo Chaves de Rezende; **FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DO MAGISTERIO;** Consultoria Legislativa, p.12, nov. 2003. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/documentos-epesquisa/publicacoes/estnottec/arquivospdf/pdf/301279.pdf>>. Acesso em: 19 de dez. de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21ª edição. Petrópolis- Vozes, 2002.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014.

RIBEIRO, Madison Rocha. **A formação continuada de professores de 1 a 4 série do Ensino Fundamental em Castanhal/Pará: continuidade ou descontinuidade?** 2005. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

SACRISTÁN. Gimeno.; GÓMEZ. Perez. I. **Comprender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

**Salomão Antônio Mufarrej Hage<sup>1\*</sup>, Mônica Castagna Molina<sup>2</sup>, Hellen do Socorro de Araujo Silva<sup>1</sup> e Maura Pereira dos Anjos.** O direito à educação superior e a licenciatura em educação do campo no Pará: riscos e potencialidades de sua institucionalização <sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa, 1, 66075-110, Guamá, Belém, Pará, Brasil. <sup>2</sup>Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. <sup>3</sup>Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, Pará, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: [salomao@uol.com.br](mailto:salomao@uol.com.br)

SANTIAGO, E.; BATISTA NETO, J. **Formação de professores e prática pedagógica na...140** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, jul. /set. SOARES, M. **Alfabetização e Letramento.** 6 ed. São Paulo: Editora contexto, 2010.

SANTOS, F. J. S.; MOURA, T. V. **Políticas educacionais, modernização pedagógica e racionalização do trabalho docente: problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas.** In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel;

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA *et al*, Gilmar Pereira. **Educação do Campo na Amazônia: uma experiência/ Organizadores**: Belém: EDUFPA, 2007.

SOUSA, Ivania Paula Freitas de; REIS, Edmerson dos Santos Reis. **Educação para a convivência com o Semi-árido: reencantando a educação a partir das experiências de Canudos, Uauá e Curaçá**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

SPIRONELLO, R.; BEZZI, M. L. **Adequação do ensino de Geografia a realidade rural: um estudo junto às escolas-núcleo do município de Santa Maria - RS**. *Revista Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria*, v.11, n.1, 2001.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 6ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.